REVISTA PAIDEIA DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ
Educação Básica e Profissional em Pauta - 28ª ed./2026

TRABALHO, EXPLORAÇÃO E LUTA DE CLASSES: DIÁLOGO ENTRE BRECHT E MARX

Flávio de Carvalho Martins de Oliveira[1]

RESUMO
Este artigo propõe uma reflexão analítica sobre as dinâmicas do mundo do trabalho e do sistema capitalista a partir da intersecção entre a peça teatral Santa Joana dos Matadouros, de Bertolt Brecht, e o Materialismo Histórico-Dialético, de Karl Marx e Friedrich Engels. A pesquisa examina como a narrativa, ambientada nos frigoríficos de Chicago durante a crise de 1929, materializa cênica e textualmente os conceitos de infraestrutura e superestrutura. Ao analisar a trajetória da protagonista, o texto evidencia a falácia da caridade como ferramenta de emancipação. Conclui-se que a obra funciona como uma denuncia precisa da engrenagem burguesa, demonstrando a incapacidade do discurso moral de resolver as contradições do capital e denunciando a habilidade do sistema em cooptar a própria revolta em instrumento de controle e dominação de classe.

Palavras-chave: Trabalho; Karl Marx; Materialismo Histórico-Dialético; Bertolt Brecht; Exploração.

INTRODUÇÃO

A obra Santa Joana dos Matadouros, do grandemente reconhecido dramaturgo Bertolt Brecht, escrita entre 1929 e 1931, sob o momento da quebra da Bolsa de Nova York, traz Joana d'Arc para um cenário de currais e fábricas de carne de Chicago. Ao passo que, o personagem Pierpont Mauler tem sua representação no monopolismo, sendo um megaempresário, "o rei da carne", – nesta criação – Brecht não apenas esboça o sofrimento da classe trabalhadora, mas apresenta as dinâmicas de um sistema que necessita da miséria para se perpetuar.

Numa perspectiva da qual o capitalismo, para um movimento vital,

[1] Aluno do 1° Técnico em Teatro Subsequente 2026 do Colégio Estadual do Paraná. Trabalho realizado para a disciplina "Fundamentos do Trabalho", sob a orientação da professora Eliana Maria dos Santos.

configura a sociedade a partir de suas necessidades e condições materiais (a comida, a economia, o modo de produção), conforme Karl Marx, cujo neste sistema socioeconômico, o trabalhador vende sua força de trabalho, gera lucro para o patrão e acaba alienado e explorado, este artigo busca – portanto – refletir sinteticamente sobre o mundo do trabalho por meio das lentes do Materialismo Histórico-Dialético de Marx, ao correlacioná-las com a obra de Brecht.

DA OBRA

Em relação a narrativa da obra teatral, Joana d'Arc, uma jovem religiosa e idealista, tenta usar a fé e a caridade para ajudar os operários explorados nos frigoríficos de Chicago, que são dominados pelo magnata Pierpont Mauler, que manipula a bolsa de valores, cria crises artificiais, destrói concorrentes e gera desemprego em massa para aumentar seus lucros.

Ao vivenciar a miséria extrema, d'Arc percebe que a caridade serve apenas para apaziguar a revolta dos trabalhadores e manter o sistema funcionando. Portanto, a jovem tenta apoiar uma greve geral, em que os operários planejavam e confiaram a ela a entrega de uma carta crucial para a articulação do movimento. Hesitante diante do uso da violência, Joana falha em entregar a mensagem, causando o colapso da greve. Arrependida, faminta e doente, ela compreende que o sistema não poderia ser curado com discursos morais, chegando à famosa conclusão de que "só a violência ajuda onde a violência impera".

Porém, é tarde demais e ela morre de pneumonia. Nisso, os próprios capitalistas se apropriam de sua morte e a "canonizam" como santa, usando sua imagem de pureza como instrumento de controle social para continuar lucrando.

DA TEORIA

O Materialismo Histórico-Dialético, formulado por Karl Marx e Friedrich Engels, originou-se a partir de duas correntes filosóficas: a dialética de Hegel e o materialismo de Feuerbach. Marx absorveu de Hegel o conceito de que a realidade está em constante transformação pelo choque de opostos (tese, antítese e síntese). Apoiado em Feuerbach, Marx inverteu a lógica hegeliana, afirmando que a base de tudo é o mundo físico e concreto. Assim, o Materialismo Dialético estabelece que a natureza e a sociedade evoluem por meio de conflitos e contradições materiais internas. Quando essa lente é aplicada ao desenvolvimento humano, surge o Materialismo Histórico, a teoria de que a infraestrutura econômica de uma sociedade
— ou seja, como ela produz sua sobrevivência e distribui riquezas — determina diretamente a sua superestrutura, que engloba as leis, a política, a religião e a moral. Portanto, para essa teoria, a história da humanidade não avança pelo surgimento de pensadores geniais, mas sim pelas mudanças nos modos de produção e pela inevitável luta de classes entre exploradores e explorados.

INTERSECCIONANDO A OBRA E A TEORIA

Ao olharmos a narrativa de Brecht com a teoria marxista, Santa Joana dos Matadouros apresenta-se como uma representação cênica fiel do Materialismo Histórico-Dialético. Isto, uma vez que, na obra, Mauler, os frigoríficos e a bolsa de valores representam a infraestrutura da sociedade capitalista; ou seja, a base econômica onde ocorrem as relações de produção pautadas na exploração e na alienação do trabalhador. Em contrapartida, as instituições de caridade e a religião, inicialmente defendidas por Joana, operam como uma superestrutura ideológica, pois convencem o explorado a aceitar sua exploração pacificamente. Assim, corroborando o pensamento de

Marx, Brecht ilustra como a caridade não visa emancipar o trabalhador, mas sim “amortecer” a luta de classes, servindo como uma ferramenta que legitima e sustenta as crises geradas pelo sistema.

A própria trajetória da protagonista espelha a transição do idealismo para o materialismo. Inicialmente, d’Arc crê que a mudança social e o fim da miséria virão pela moralidade, pela fé e pelo apelo à consciência dos exploradores. Porém, o conflito com as condições materiais (o frio, a fome e o desemprego fabricado por Mauler) força ela a uma compreensão dialética da realidade. Joana percebe que a miséria dos operários não é fruto de uma falha moral ou espiritual, mas no caso uma necessidade estrutural do ciclo de acumulação do capital. A constatação final de que "só a violência ajuda onde a violência impera" é o seu despertar materialista: o reconhecimento de que a emancipação não se dá no plano das ideias, mas na alteração concreta e radical dos meios de produção.

Por fim, a falha da greve geral evidencia as dificuldades inerentes à organização da classe trabalhadora frente ao poder desproporcional da burguesia. Contudo, é no ato final dos capitalistas que a dialética se mostra mais cruel: ao apropriarem-se da morte de Joana e a transformarem em santa, o sistema demonstra sua capacidade de fagocitar até mesmo a rebelião. A superestrutura burguesa converte a mártir em um instrumento de controle social, provando, de forma irônica e trágica, que sob a lógica capitalista até mesmo a compaixão e a revolta são transformadas em mercadorias a serviço da dominação de classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a análise de Santa Joana dos Matadouros sob as lentes do Materialismo Histórico-Dialético revela que a obra de Brecht atua não apenas como uma denúncia das problemáticas do mundo do trabalho, mas como um diagnóstico preciso da engrenagem capitalista. Ao evidenciar a falácia da caridade, que serve como mero apaziguamento para conter a revolta operária,

e a apropriação da fé pela burguesia, compreende-se que as contradições deste sistema socioeconômico não podem ser curadas por meio de um idealismo moral ou discursos de bondade.

Portanto, a trajetória trágica de Joana nos frigoríficos de Chicago ressalta, atemporalmente, a premissa marxista de que a verdadeira emancipação da classe trabalhadora não se dá pela via da superestrutura ideológica, mas exige, inevitavelmente, a transformação material e radical das estruturas de produção.

REFERÊNCIAS

BRECHT, B. **Santa Joana dos Matadouros**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.